

## **Biografia de Mário Barboza de Mattos**

Nasceu no dia 12 de dezembro de 1924, na cidade de Pelotas. Engenheiro agrônomo, jornalista, escritor e artista plástico autodidata. Mário e Barbosa Lessa são primos e amigos de infância. No início dos anos 50, participaram juntos da histórica fundação do tradicionalismo gaúcho. Mattos estava entre os jovens que durante as férias de verão do Colégio Júlio de Castilhos, organizaram parte que do viria a se tornar o primeiro Centro de Tradições Gaúchas, estando listado como membro fundador do 35 CTG.

Atuou como assessor cultural na 26ª RT, recebeu a Medalha Barbosa Lessa em 2008, o prêmio Trezentas Onças em 2009, teve três de suas teses aprovadas em Congressos: A Origem do Gaúcho Rio-Grandense como parte integrante da identidade cultural do Brasileiro; A Carta de Princípios e os Problemas Atuais do MTG; Identidade Cultural e Tradicionalismo. Participou da Fundação do Instituto João Simões Lopes Neto; autor de diversos livros, entre eles: “Décima de Sepé Tiaraju” (1985); “Garimpando no Mundo das 300 Onças” (2007); “Contos Tropeiros e outras Narrativas” (2014);

Foi o primeiro a ilustrar, em 1947, o poemeto Antônio Chimango, de Ramiro Barcelos. Membro Efetivo da Academia Sorocabana de Letras, tendo como patrono da cadeira 27, João Simões Lopes Neto; Membro efetivo do Instituto de História e Tradição do RS.

Em julho de 1978, Barbosa Lessa faz esta apresentação de Mário Mattos por ocasião de uma exposição de arte em Porto Alegre: Autodidata, desenha cenas gaúchas desde os 15 anos de idade. Formou-se em agronomia e, nesta condição, continuou relacionado com gente do campo. Ao se transferir para Sorocaba, ali restabeleceu o elo entre dois povos brasileiros com a implantação da “Semana do Tropeiro”, evocativa do passado em comum. Desde 1970, tem participado de inúmeras feiras, salões e exposições de Artes Plásticas. Mário Mattos para a pintura de suas aquarelas busca inspiração nos temas gauchescos. O cavalo que ele pinta é o legítimo crioulo de nossa campanha e, pelo garbo com que galopa, a gente sente que é um “pingo”. O homem que atira o laço não foi copiado de uma revista argentina nem de um filme de cowboys: é o autêntico gaúcho brasileiro, de inconfundível jeito caboclo. A mulher que alcança a cuia de chimarrão é aquele mesmo ser que os poetas chamam de “prenda”. E a textura do pasto, do gramado, da pastagem, aliada à transparência do céu, afirma que este não é outro senão a encantada “querência” dos gaúchos. Mário Mattos não precisa de apoio do dialeto regional para pintar a região. As cores de suas aquarelas são as cores do Rio Grande do Sul. Os traços de seu nanquim são os traços fortes do caráter gauchesco. Ele sabe contar um caso, embora mudo, com a mesma graça e autenticidade de um velho peão de estância. Explica-se. Os anos da adolescência, tão marcantes para o espírito

humano, ele os viveu, intensamente, nas belas várzeas do Rio Camaquã, em pleno coração das tradições gaúchas. Sua retina guardou para sempre a peculiaridade das paisagens xucas e o dinamismo das fainas campeiras, guardando na alma a lembrança de sua terra, pintando, admiravelmente, a autenticidade regional e o vigor estético de validade universal.